Instituto Superior Miguel Torga

Estilos de Vinculação e Atitudes Sexuais em Jovens Adultos:

Um Estudo sobre Relações Amorosas na Adultez Emergente

Dissertação
Mestrado em Psicologia Clínica
Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

Cindy de Oliveira Azenha
Coimbra, 2025

MIGUEL TORGA

CIM RC
COMUNIDADE INTERMUNICIPAL
REGIÃO DE COIMBRA

Estilos de Vinculação e Atitudes Sexuais em Jovens Adultos:

Um Estudo sobre Relações Amorosas na Adultez Emergente

Cindy de Oliveira Azenha

Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica – Ramo de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar, ISMT

Membros do Júri

Presidente: Professora Doutora Gabriela Fonseca, Professor Auxiliar, ISMT

Arguente: Professora Doutora Joana Carvalho, Professor Auxiliar, ISMT

Coimbra, outubro de 2025

Agradecimentos

A presente dissertação representa a concretização de uma etapa significativa da minha vida académica, profissional e pessoal. Esta conquista não teria sido possível sem o apoio, incentivo e presença de pessoas fundamentais, às quais quero expressar o meu mais profundo agradecimento.

À minha família, os meus alicerces: aos meus pais, António e Élia, pelo amor incondicional, pela dedicação e pela confiança depositada em mim em todos os momentos; à minha irmã, Jessica, e ao meu sobrinho e afilhado, Patrick, cuja presença é fonte constante de motivação e ternura; ao meu namorado, João Tiago Ramos, pelo carinho, paciência e por caminhar ao meu lado com firmeza e compreensão; à minha tia Cátia e aos meus padrinhos, Amável e Alda, por todo o apoio e afeto ao longo deste percurso.

Aos amigos que estiveram presentes em todos os momentos desta etapa — Raquel Oliveira, Rodrigo Matias, Rui Mota, Gonçalo Medeiros, Beatriz Campos, Bárbara Pinto, Beatriz Estela, Guilherme Ferreira, João Roxo, Bárbara Flores e Matilde Santos — agradeço cada palavra de incentivo, cada partilha e cada gesto de amizade genuína.

Um agradecimento especial à Francisca Pimentel que foi uma surpresa nesta reta final do meu percurso e que me ajudou imenso neste processo do desenvolvimento da dissertação.

À Professora Doutora Joana Sequeira, minha orientadora, deixo uma palavra especial de gratidão pela orientação rigorosa, disponibilidade e confiança que foram essenciais para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

Por fim, estendo o meu agradecimento a todos os participantes que colaboraram no inquérito — foi indispensável para a realização desta investigação.

"Tenho em mim todos os sonhos do mundo."

- Fernando Pessoa

Resumo

Objetivo: a presente investigação tem como objetivo compreender as perceções dos jovens adultos relativamente às suas atitudes sexuais e estilos de vinculação de jovem com relação(ões) amorosa(s).

Método: participaram 194 pessoas que já tiveram pelo menos uma relação amorosa com idades compreendidas entre os 18 e 30 anos. Os instrumentos utilizados foram o questionário sociodemográfico e de questões complementares, a *Escala de Atitudes Sexuais* (EAS) e a *Escala de Vinculação do Adulto* (EVA).

Resultados: na vinculação, a dimensão mais elevada foi o "Conforto com a Proximidade", seguida da "Confiança nos Outros" e da "Ansiedade". Os estilos inseguros ("Amedrontado" e "Desligado") foram mais frequentes do que os estilos seguros. A prática religiosa associou-se ao estilo "Desligado". Nas atitudes sexuais, destacaram-se "Práticas Sexuais" e "Comunhão", seguidas de "Instrumentalidade" e "Permissividade". Homens, praticantes de *sextting* e não utilizadores de contracetivos revelaram maior "permissividade". A "Ansiedade" relacionou-se negativamente com a dimensão "Práticas Sexuais", enquanto o "Conforto com a Proximidade" se associou a valores mais elevados em "Práticas Sexuais" e "Comunhão".

Conclusão: a adultez emergente caracteriza-se por instabilidade relacional, predominância de estilos inseguros, mas também abertura à intimidade. Fatores socioculturais, como religiosidade e práticas digitais, influenciam estas vivências, sublinhando a necessidade de integrar vinculação e contexto cultural em programas de educação afetivo-sexual.

Palavras-chave: Jovens Adultos; Atitudes Sexuais; Vinculação; Relações Amorosas; Sexualidade.

Abstract

Purpose: this study aimed to understand young adults' perceptions of sexual attitudes and attachment styles in romantic relationships.

Method: the sample included 194 participants aged 18–30, all with experience of at least one romantic relationship. A sociodemographic questionnaire, the *Sexual Attitudes Scale* (SAS), and the *Adult Attachment Scale* (AAS) were applied.

Results: in attachment, the highest dimension was *Comfort with Closeness*, followed by *Trust in Others* and *Anxiety*. Insecure styles (*Fearful* and *Dismissive*) were more frequent than secure ones. Religious practice was associated with the *Dismissive* style. Regarding sexual attitudes, *Sexual Practices* and *Communion* scored highest, followed by *Instrumentality* and *Permissiveness*. Men, sexting practitioners, and non-users of contraceptives reported higher permissiveness. *Anxiety* was negatively associated with the *Sexual Practices* dimension, while *Comfort with Closeness* was linked to higher scores in *Sexual Practices* and *Communion*.

Conclusion: emerging adulthood is marked by relational instability, with a predominance of insecure styles but also openness to intimacy. Sociocultural factors such as religiosity and digital practices shape these experiences, highlighting the need to integrate attachment and cultural context into affective-sexual education programs.

Keywords: young adults; Sexual attitudes; Attachment; Romantic relationships; Sexuality.

Índice

Introdução 1

Método 9

Objetivos e Tipo de Estudo 9

Participantes 10

Procedimentos 12

Instrumentos 13

Análise Estatística 16

Resultados 16

Vinculação – EVA 16

Estilos de Vinculação dos Participantes 18

Atitudes Sexuais – EAS 21

Estilos de Vinculação e Atitudes Sexuais 23

Discussão 25

Considerações Finais 28

Referências Bibliográficas 31

Anexos 35

Anexo I – Escala de Atitudes Sexuais (EAS) 36

Anexo II – Escala de Vinculação do Adulto (EVA) 38

Apêndices 40

Apêndice A – Tabelas Complementares das Características Sociodemográficas dos Participantes 41

Apêndice B – Tabelas Complementares das Características Familiares dos Participantes 42

Apêndice C – Tabelas Complementares das Características dos Relacionamentos Amorosos e sexuais dos Participantes 43

Apêndice D – Consentimento Informado 44

Apêndice E - Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares 45

Apêndice F – Tabelas Complementares 52

Vinculação – EVA 52

Apêndice G – Tabelas Complementares 54

Estilos de Vinculação dos Participantes 54

Apêndice H – Tabelas Complementares 57

Atitudes Sexuais – EAS 57

Introdução

Nas sociedades ocidentais industrializadas, tem-se verificado um adiamento progressivo na idade em que os jovens concluem os seus estudos, deixam a casa dos pais, ingressam no mercado de trabalho, alcançam a independência económica e consideram a constituição de uma família. Este fenómeno deu origem à conceptualização de um novo período do desenvolvimento humano, compreendido entre os 18 e os 25 anos, designado por adultez emergente (Rivera et al., 2011). Esta fase é caracterizada por uma maior exploração individual das possibilidades que a vida oferece, o que tem motivado um crescente interesse no estudo desta transição entre a adolescência e a adultez, dada a necessidade de desenvolver competências específicas deste estádio de desenvolvimento (Rivera et al., 2011).

Jeffrey Arnett é um dos autores que mais se destacou na conceptualização da adultez emergente, defendendo que esta constitui um período distinto no ciclo de vida dos indivíduos em sociedades industrializadas, resultado de transformações culturais ocorridas a partir da segunda metade do século XX, como o aumento da frequência no ensino superior, a maior aceitação da sexualidade antes do casamento e o adiamento do matrimónio e da parentalidade (Carneiro et al., 2015). Arnett propõe cinco características fundamentais que distinguem esta fase da adolescência e da adultez: a exploração da identidade, a instabilidade, o foco em si mesmo, o sentimento de estar "entre" e a perceção de múltiplas possibilidades (Arnett, cit. in Carneiro et al., 2015). Estas dimensões refletem-se em trajetórias marcadas por mudanças frequentes de emprego, de parceiros amorosos, de percursos académicos e de residência, num tempo em que os jovens usufruem de maior liberdade e menor pressão para assumir compromissos típicos da adultez (Carneiro et al., 2015).

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

A adultez emergente é, assim, um período de instabilidade e de construção identitária, em que os jovens tomam decisões importantes sobre o seu futuro, muitas vezes apoiados financeiramente pelos pais (Carneiro et al., 2015). Apesar da existência de expectativas sociais quanto ao cumprimento de tarefas desenvolvimentais, como a entrada no mercado de trabalho, a independência financeira e a constituição de uma relação conjugal estável, estas não seguem uma ordem fixa nem são experienciadas por todos os indivíduos (Carneiro et al., 2015).

Em Portugal, observam-se transformações significativas nos percursos dos jovens. O prolongamento das trajetórias escolares, o adiamento da entrada no mercado de trabalho e o aumento da idade do casamento e da parentalidade são fenómenos cada vez mais frequentes, sobretudo entre jovens com formação universitária (Mendonça et al., 2009). A perceção de instabilidade tem levado muitos jovens a permanecerem na casa dos pais por mais tempo, sendo estes o principal suporte económico durante esta fase de transição (Mendonça et al., 2009).

Os jovens portugueses demonstram uma maior relutância em assumir compromissos familiares, valorizando um período inicial de experimentação e liberdade antes de se dedicarem a projetos de vida mais estáveis. Esta atitude é facilitada por mudanças culturais, como o controlo da natalidade e a maior aceitação da sexualidade, que permitem viver as relações de forma mais autónoma e descomprometida (Mendonça et al., 2009). Estudos realizados junto de jovens portugueses indicam que estes tendem a encarar a transição para a adultez como um processo prolongado, dividido entre uma fase inicial de exploração e uma fase posterior de responsabilidade e estabilidade (Mendonça et al., 2009).

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

As relações amorosas estabelecidas neste período assumem um papel central no desenvolvimento psicossocial dos jovens, distinguindo-se de outros tipos de envolvimentos interpessoais por serem mais íntimas, voluntárias e marcadas por uma intensidade emocional e comportamental superior, frequentemente caracterizadas por comportamentos afetivos e sexuais (Collins et al., 2009).

Segundo Collins (2009), a investigação sobre as relações amorosas dos adolescentes implica compreender as seguintes dimensões: o envolvimento romântico, a identidade do parceiro, o conteúdo do relacionamento, a qualidade da relação e os processos cognitivos e emocionais envolvidos na interação.

O envolvimento romântico consiste no estado relacional da pessoa, por exemplo, se está a namorar ou não, quando iniciou o relacionamento, qual a sua duração e qual a frequência de encontros relacionais. Nos jovens, o envolvimento em relações amorosas e a frequência de experiências românticas estão associados ao seu contexto social. Collins et al. (2009) aponta que antes da adolescência as interações sociais mais comuns são entre pares do mesmo sexo. No início da adolescência, os jovens tendem a ter amizades com grupos mistos, o que facilita a transição de amizades para relacionamentos amorosos. Posteriormente, investem mais o seu tempo com os parceiros amorosos e, gradualmente, na transição para a idade adulta, o tempo investido aumenta significativamente (Collins et al., 2009).

A literatura mostra que as principais características procuradas num parceiro amoroso são: inteligência, habilidades interpessoais e atração física. As normas sociais e culturais têm grande peso na escolha das características do parceiro. Os parceiros tendem a partilhar preferências semelhantes quanto a etnia, características demográficas, sociais e psicológicas, popularidade e atração física. Entre os adolescentes heterossexuais, os

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

rapazes tendem a escolher parceiras da mesma faixa etária, enquanto as raparigas costumam optar por rapazes mais velhos (Collins et al., 2009).

A investigação tem demonstrado que comportamentos como dar as mãos, beijar ou abraçar estão positivamente associados à existência de relações seguras e afetivamente positivas entre pais e filhos. Para além da qualidade dessas relações, as expressões de afeto observadas no contexto familiar — como o carinho entre os cuidadores ou entre estes e os filhos — parecem funcionar como modelos relacionais internalizados pelos jovens, influenciando a forma como se relacionam intimamente e o nível de satisfação e compromisso que desenvolvem nas suas próprias relações amorosas (Collins et al., 2009).

A dimensão qualidade do relacionamento implica o equilíbrio entre experiências positivas e negativas, o nível de intimidade, carinho e cuidado que os parceiros estabelecem entre si. Por norma, relacionamentos de baixa qualidade têm como comportamentos associados a irritabilidade, níveis altos de conflito e controlo por parte do parceiro. Já relacionamentos com altos níveis de qualidade implicam apoio mútuo e intimidade. Esta, refere-se à proximidade e aos laços emocionais estabelecidos, sendo uma componente fundamental da qualidade da relação na adolescência (Martins-Silva et al., 2013; Collins et al., 2009).

Por fim, os processos cognitivos e emocionais são constituídos pelas perceções, atribuições e representações que cada indivíduo faz de si, do parceiro e da relação. Segundo Collins et al. (2009) existe uma associação entre as experiências amorosas vivenciadas por adolescentes e o seu desenvolvimento individual, especificamente, a formação da identidade pessoal, adaptação a mudanças familiares, investimento em relações saudáveis, desempenho escolar e desenvolvimento sexual. A qualidade das

experiências amorosas está interligada com a autoestima, autoconfiança e competências sociais do jovem (Collins et al., 2009).

O comprometimento na relação é outro aspeto importante, quer a longo prazo quer a curto prazo. A longo prazo implica manter o amor e, a curto prazo, a decisão sobre existência de amor na relação (Martins-Silva et al., 2013).

Na atualidade, a literatura mostra novas formas de relacionamento amorosos, especialmente entre adolescentes, que podem ser menos comprometidos, baseados na sedução e na obtenção de prazer sexual (Féres-Carneiro & Jablonski, 2005).

Ao longo da história, as conceções de sexualidade, amor e casamento foram influenciadas por aspetos políticos, religiosos e culturais (Féres-Carneiro & Jablonski, 2005).

A sexualidade é uma parte fundamental do ser humano, sendo um conjunto de várias dimensões: sexo, identidades e papéis de género, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. É sentida e vivida de maneira diferente de indivíduo para indivíduo e pode ser expressa por pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Também pode ser influenciada por fatores biológicos, psicológicos, sociais, económicos, políticos, culturais e religiosos (Saúde, 2020).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2001) "a sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia, também, a nossa saúde física e mental" (OMS, 2001). É entendida como um

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

assunto íntimo, com componentes biológicas, fisiológicas, emocionais, afetivas e culturais e é um elemento fundamental da formação integral do indivíduo (Ferreira, 2010).

As atitudes sexuais são um elemento fundamental da sexualidade. Alferes (2004) refere que o desejo de aproximação de outra pessoa é fruto de vários fatores interpessoais, como o carinho e as relações sociais.

Os discursos e perspetivas sobre as práticas sexuais evoluíram de tal modo que muitos jovens adultos não pensam na sexualidade como modo de procriação, mas sim como elemento de socialização. Contudo, apesar desta evolução, este tema continua a ser pouco conversado na família, o que facilita a continuidade de alguns mitos (Morais, 2016).

Marques (2009) estudou as perceções das práticas e representações dos jovens (entre 18 e os 29 anos) sobre a sexualidade. Os resultados apresentam várias perspetivas: a sexualidade pode ser entendida como sexo ou algo que gera prazer; como relacionamento em que se expressa um sentimento pelo parceiro; como forma de conhecimento do próprio corpo e do parceiro; como distinção entre mulheres e homens; ou ainda como algo natural que está sempre presente. A maioria dos jovens atribui importância à sexualidade.

O mesmo estudo evidencia que, para as mulheres, a sexualidade está mais ligada aos sentimentos, e é importante que as relações envolvam afeto. Já para os homens, estará mais ligada ao prazer e à necessidade de terem uma vida sexual ativa, independentemente dos sentimentos. No entanto, há jovens que expressaram que a sexualidade pode ser igualitária, tanto para homens como para mulheres. A importância dada à sexualidade varia em função dos indivíduos e não do sexo (Marques, 2009).

Saavedra et al. (2010) analisaram os discursos de 90 jovens adolescentes portugueses, entre os 15 e os 19 anos, sobre sexualidade e amor. Identificaram três principais narrativas: uma que mantém o duplo padrão sexual tradicional, outra que aponta para uma mudança em direção a um padrão mais igualitário, e uma terceira centrada na prevenção. Os resultados mostram que, apesar de algumas tentativas de rutura com estereótipos de género, persistem desigualdades marcadas. A sexualidade masculina é associada ao prazer físico e à performance, enquanto a feminina é marcada por afetividade, responsabilidade e controlo. A prevenção de riscos sexuais é referida sobretudo pelas raparigas. As autoras concluem que é essencial repensar os programas de educação sexual, incorporando uma perspetiva crítica de género (Saavedra et al., 2010).

O comportamento sexual dos jovens continua a ser uma das principais preocupações da saúde pública, uma vez que uma parte da mortalidade, morbilidade e problemas sociais está associada a comportamentos sexuais de risco. Estes, segundo Ferreira (2010), estão associados ao consumo de drogas e álcool, comuns em espaços noturnos, onde os jovens tomam decisões que podem afetar diretamente a sua saúde.

A sexualidade vivida relacionalmente emerge na adolescência e as relações estabelecidas entre pais e adolescentes possuem um papel fundamental na forma como ela é vivida, sendo um ponto de referência até à vida adulta (Neves, 2011).

A comunicação entre pais e filhos sobre este assunto deve ser clara, simples e aberta para que os jovens iniciem a atividade sexual de forma mais tardia e segura. Quando os pais não são suportes afetivo-emocionais, os jovens têm mais probabilidade de iniciarem a atividade sexual mais cedo (Neves, 2011).

Segundo Vilar (2003), famílias conservadoras e com regras morais fortes tendem a adotar um estilo educativo de negação sobre a sexualidade. Já o estilo evitativo consiste

na ausência de abordagem, sem a conotação proibitiva. O estilo permissivo caracteriza famílias com maior abertura, mas sem apoiar ou valorizar a questão. Por fim, o estilo apoiante refere-se a famílias que falam abertamente sobre a sexualidade, informando e aconselhando os jovens.

A vinculação estabelecida com as figuras parentais durante a infância desempenha um papel significativo na forma como os jovens adultos constroem relações amorosas e vivem a sua sexualidade. O estudo de Mendonça e Almeida (2010) evidenciou que vinculações seguras aos pais estão associadas a vínculos igualmente seguros aos pares amorosos, repercutindo-se em atitudes sexuais mais protetoras. Contudo, também foi observado que vínculos seguros podem associar-se a menor uso de preservativo, refletindo confiança relacional.

No contexto dos jovens adultos, as relações amorosas adquirem uma centralidade progressiva como espaço de vinculação, refletindo-se na organização dos modelos internos de funcionamento interpessoal, nos quais o parceiro pode ser investido de funções tradicionalmente atribuídas às figuras parentais (Matos, 2001).

Matos (2001) constatou que muitos jovens adultos apresentam perfis preocupados e amedrontados, refletindo a instabilidade da transição entre adolescência e adultez, em que se procuram conciliar necessidades de autonomia e intimidade.

Estudos recentes indicam que jovens com estilos de vinculação inseguros tendem a adotar atitudes sexuais mais permissivas, caracterizadas por maior abertura ao sexo ocasional ou sem compromisso, revelando dificuldades na gestão da intimidade e segurança (Santos, 2020).

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

Melo e Mota (2013) estudaram a relação entre vinculação amorosa e bem-estar psicológico em 827 jovens portugueses, entre os 13 e os 25 anos. Verificaram que a confiança no parceiro amoroso está associada a níveis mais elevados de autoestima, sociabilidade, controlo emocional e felicidade, enquanto a dependência e o evitamento se relacionam negativamente. A qualidade das relações amorosas tem mais influência no bem-estar psicológico dos jovens do que a configuração familiar.

As relações amorosas e as atitudes sexuais estão interligadas pois pontuam o desenvolvimento emocional, social e sexual dos jovens. Estas relações podem variar entre encontros casuais, definidos pelo prazer e a exploração sexual, e relações mais estáveis, caracterizadas pela partilha e apoio mútuo. Por fim, as atitudes sexuais dos jovens também são moldadas por fatores pessoais, emocionais e culturais, refletindo uma evolução da sexualidade de tabu para elemento de socialização.

Método

Objetivos e Tipo de Estudo

A presente investigação tem como objetivo estudar as atitudes sexuais e os estilos vinculativos nas relações amorosas em jovens adultos.

Os objetivos específicos desta investigação são:

1) Descrever os participantes quanto às características sociodemográficas e relações amorosas.
2) Identificar as perceções dos jovens quanto às dimensões da vinculação ("Ansiedade", "Conforto com a Proximidade" e "Confiança nos Outros") e ao seu estilo de vinculação e se existem diferenças em função das características sociodemográficas.

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

3) Identificar as perceções dos jovens quanto às atitudes sexuais ("Permissividade", "Práticas Sexuais", "Comunhão" e "Instrumentalidade") e se existem diferenças em função das características sociodemográficas.

4) Analisar as atitudes sexuais e estilos de vinculação tendo em conta os formatos de relações amorosas em que se encontram os jovens.

O presente estudo enquadra-se no tipo observacional analítico, uma vez que não há qualquer intenção de intervir ou modificar as características da população analisada, mas sim de estabelecer relações entre variáveis, em vez de apenas descrever as suas particularidades (Pocinho, 2012). Trata-se de um estudo transversal, pois a recolha de dados ocorre num único momento, utilizando inquéritos e escalas aplicados à população-alvo (Aragão, 2011). A amostragem é por conveniência, tendo os dados sido recolhidos por meio de um questionário online (Marotti et al., 2008).

Participantes

Foram definidos como critérios de inclusão ter entre 18 e 30 anos de idade e ter nacionalidade portuguesa e estar ou ter tido pelo menos uma relação amorosa. Tal como se pode observar detalhadamente na tabela 1 participaram neste estudo 194 indivíduos, 47 têm idades compreendidas entre os 18 anos e 21 anos (24.2%), 102 têm idades compreendidas entre os 22 anos e 25 anos (52.6%), 45 têm idades compreendidas entre os 26 anos e 30 anos (23.2%), 112 (57,7%) são do sexo feminino e 82 (42,3%) são do sexo masculino. Em relação à orientação sexual, a grande maioria, 167 (86,1%), são heterossexuais, 14 (7,2%) são bissexuais, 5 (2,6%). Quanto ao estado civil, 171 indivíduos são solteiros (88,1%), 15 (7,7%) estão em união de facto e 8 (4,1%) estão casados. Sobre a escolaridade, 90 indivíduos têm o 12º ano completo (46,4%) e 81 (41,8%) têm licenciatura. Relativamente à situação profissional, 86 (44,3%) são

trabalhadores, 84 (43,3%) são estudantes e 19 (9,8%) são trabalhadores-estudantes. Sobre a religião 125 indivíduos dizem-se não praticantes da religião (64,4%) e 69 (35,6%) são praticantes, 145 indivíduos consideram-se cristãos (74,7%) e 46 (23,7) não têm filiação por nenhuma religião.

Todas as restantes características sociodemográficas dos participantes estão descritas detalhadamente no Apêndice A.

Tabela 1

Características Sociodemográficas dos Participantes (N=194)

Variável	***n***	**%**	***Medidas Descritivas***
Idade			
18 a 21 anos	47	24.2	*M* = 23.47
22 a 25 anos	102	52.6	*DP* = 2.99
26 a 30 anos	45	23.2	*Mo* = 22 a 25 anos
Sexo Biológico			
Feminino	112	57.7	*Mo* = Feminino
Masculino	82	42.3	
Orientação Sexual			
Heterossexual	167	86.1	*Mo* = Heterossexual
Bissexual	14	7.2	
Gay	5	2.6	
Lésbica	4	2.1	
Pansexual	3	1.5	
Em questionamento	1	.5	
Estado Civil			
Solteiro (a)	171	88.1	*Mo* = Solteiro (a)
União de facto	15	7.7	
Casado (a)	8	4.1	
Escolaridade			
12º ano	90	46.4	*Mo* = 12º ano
Licenciatura	81	41.8	
Mestrado	20	10.3	
9º ano	3	1.5	
Situação Profissional			
Trabalhador	86	44.3	*Mo* = Trabalhador
Estudante	84	43.3	
Trabalhador – Estudante	19	9.8	
Desempregado	5	2.6	
Religião			
Cristã	145	74.7	*Mo* = Cristã
Outras	3	1.5	
Sem filiação	46	23.7	
Praticante			
Não	125	64.4	*Mo* = Não Praticante
Sim	69	35.6	

Nota: n = número total de sujeitos da amostra; M = média; DP= desvio padrão; Mo = moda.

A Tabela 2 apresenta os dados relativos às características familiares dos participantes. A maioria dos participantes, 97 (50,0%), pertencem a uma família nuclear clássica (casal com filhos), 38 (19,6%) a uma família alargada, 23 (11,9%) a uma família monoparental, 20 (10,3%) vivem num casal sem filhos. Centro e trinta e quatro (134) participantes têm irmãos (69,1%) e 60 (30,9%) não têm irmãos e dos que têm irmãos, 94 (48,5%) têm 1 irmão. Todas as restantes características familiares recolhidas estão no Apêndice B e as características das relações amorosas e sexuais estão no Apêndice C.

Tabela 2

Características Familiares dos Participantes (N=194)

Variável	***n***	**%**	***Medidas Descritivas***
Tipo de Família			
Família Nuclear Clássica	97	50	*Mo* = Família Nuclear Clássica
Família Alargada	38	19.6	
Família Monoparental	23	11.9	
Casal Sem Filhos	20	10.3	
Família Reconstituída	10	5.2	
Vive Sozinho	6	3.1	
Fratria			
Irmão	134	69.1	*Mo* = Tem pelo menos 1 irmão
Não tem	60	30.9	
1 irmão (***n*** =134)	94	48.5	
2 irmãos (***n*** =134)	29	14.9	
3 ou mais irmãos (n =134)	11	5.7	

Nota: n = número total de sujeitos da amostra; Mo = moda.

Procedimentos

A recolha de dados foi realizada online, utilizando a plataforma *Google Forms*. A presente investigação foi divulgada através das redes sociais *Facebook, Instagram, Twitter* e *LinkedIn,* tendo sido igualmente partilhada pelo Gabinete de Promoção da Empregabilidade do Diplomado em Intervenção Socioeducativa (GAPE-DIS) junto dos seus diplomados e promovida por meio da afixação de cartazes em espaços públicos.

O tempo estimado para o preenchimento do protocolo foi de aproximadamente 10 a 15 minutos. A recolha de dados teve início no dia 26 de março de 2025, tendo sido concluída a 1 de junho de 2025.

Os participantes forneceram o seu consentimento informado (Apêndice D) no momento da participação, após terem sido devidamente esclarecidos quanto aos objetivos da investigação, aos critérios de inclusão, bem como às informações relativas ao anonimato e à confidencialidade dos dados recolhidos. Foi ainda garantido que os dados seriam utilizados exclusivamente para os fins definidos nesta investigação, concretamente para a Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, no Instituto Superior Miguel Torga. A presente investigação obedece aos princípios da Declaração de Helsínquia e foi aprovada pela comissão de Ética do ISMT (CE-P36-25).

Instrumentos

O questionário online do estudo é constituído pelos seguintes instrumentos:

1) Questionário Sociodemográfico e Dados complementares: inclui questões sobre dados individuais, familiares, relacionais e religiosos (Apêndice E);

2) *Escala de Atitudes Sexuais* (EAS): esta escala é a versão Portuguesa da *Sexual Attitudes Scale* (Hendrick & Hendrick, 1987), foi traduzida e validada para a população portuguesa por Alferes em 1999 (Alferes, 1999). A escala tem como objetivo medir as atitudes sexuais através de 43 itens (Anexo I) organizados em 4 dimensões que foram calculadas através do somatório dos itens: "Permissividade Sexual" (PER) que se refere às atitudes sobre o "sexo ocasional", ao "sexo sem compromissos" e à diversidade de parceiros sexuais – itens de 1 a 21; "Práticas Sexuais" (PRA) que se refere às atitudes sobre planeamento familiar, educação sexual e práticas de masturbação – itens de 22 a 28; "Comunhão" (COM) que se refere à

relativização das atitudes para com o sexo como uma "experiência íntima, física e psicológica, partilha, envolvimento e idealismo" – itens de 29 a 37; Por último, "Instrumentalidade" (INS) que se refere à orientação para uma atitude que considere o sexo como "unitário", que se obtêm somente prazer físico – itens de 38 a 43. Os itens 19, 20 e 21 (da dimensão "Permissividade Sexual") têm uma pontuação invertida. É um instrumento de autorresposta tipo *Likert,* que varia entre 1 e 5, sendo que o 1 corresponde a "completamente em desacordo" e 5 a "completamento de acordo". Altas concordâncias significam atitudes utilitárias do sexo, já baixas concordâncias significam o contrário (Alferes, 1999).

Na Tabela 3 estão representados os valores de *alfa de Cronbach* resultantes de cada dimensão neste estudo, tal como, os valores obtidos na validação para a população portuguesa por Alferes (1999). Relativamente às subescalas da EAS, os alfas, foram superiores à da validação para a população portuguesa.

Tabela 3

Consistência interna da EAS

				Alfa de Cronbach	
					(Alferes, 1999)
Dimensões	**Itens**	**Min**	**Max**	***N* = 194**	***N* = 365**
Permissividade Sexual (PER)	1 a 19*, 20* e 21*	21	105	.93	.83
Práticas Sexuais (PRA)	22 a 28	7	35	.81	.58
Comunhão (COM)	29 a 37	9	45	.89	.71
Instrumentalidade (INS)	38 a 43	6	30	.82	.65
Total	**Escala completa**			.91	.83

*Nota: *Itens Invertidos; N = Amostra Total; Min = Mínimo; Max = Máximo*

3) *Escala de Vinculação do Adulto* (EVA), foi desenvolvida por Canavarro em 1997, que corresponde à adaptação portuguesa da versão original *Adult Attachment Scale-R*, elaborada por Collins e Read (1990) (Canavarro et al., 2006). Trata-se de um instrumento de autorresposta (Anexo II), cujo objetivo é explorar e avaliar o padrão

de vinculação que o indivíduo estabelece com os seus pares, sendo esta classificação realizada com base na tipologia proposta por Bartholomew (Canavarro et al., 2006).

A EVA é composta por 18 itens, organizados em três dimensões distintas, formados através da média dos itens: "Ansiedade" que avalia o grau de ansiedade que o indivíduo manifesta em relação a aspetos interpessoais, como o medo de abandono ou de não ser amado - itens 3, 4, 9, 10, 11 e 15; "Conforto com a Proximidade" que mede o nível de conforto do indivíduo perante situações de intimidade e proximidade emocional - itens 1, 6, 8, 12, 13 e 14; Por fim, "Confiança nos Outros" que se refere ao grau de confiança depositado nos outros e à perceção da sua disponibilidade em momentos de necessidade - itens 2, 5, 7, 16, 17 e 18. As respostas são apresentadas num formato de escala tipo *Likert,* permitindo a quantificação da resposta de cada item numa escala de 1 ("nada característico em mim") a 5 ("extremamente característico em mim"). Importa salientar que os itens 2, 7, 8, 13, 16, 17 e 18 possuem uma pontuação invertida. Os resultados brutos de cada subescala foram divididos pelo número de itens de cada uma e, desta forma, variam entre 1 e 6.

Na Tabela 4 estão representados os valores de *alfa de Cronbach* obtidos para cada dimensão neste estudo, tal como, os valores obtidos pela validação para a população portuguesa (Canavarro et al., 2006). A pontuação final bruta de cada dimensão pode variar entre 6 e 30.

Tabela 4

Consistência interna EVA

				Alfa de Cronbach	
					(Canavarro et al., 2006)
Dimensões	**Itens**	**Min**	**Max**	***N* = 194**	***N* = 434**
Ansiedade	9,10,3,11,15,4	6 (1)	30 (6)	.90	.84
Conforto com a Proximidade	12,1,14,6,8*,13*	6 (1)	30 (6)	.64	.67
Confiança nos Outros	18*,2*,16*,17*,7*,5	6 (1)	30 (6)	.52	.54
	Escala completa			.41	.81

*Nota: N = Amostra Total; Min = Mínimo; Max = Máximo; *=Itens Invertidos*

Análise Estatística

Para o tratamento e análise estatística dos dados recolhidos foi utilizado o programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 29.0.2.0 para Windows. Inicialmente, procedeu-se à verificação da normalidade da distribuição dos dados através do teste de Kolmogorov-Smirnov. Os resultados obtidos indicaram que as variáveis em estudo apresentavam uma distribuição normal ($p > .05$). Deste modo, optou-se por utilizar testes estatísticos paramétricos, uma vez que estes são apropriados quando os dados cumprem os pressupostos de normalidade e homogeneidade de variâncias, permitindo uma maior potência estatística e resultados mais robustos (Field, 2018; Marôco, 2021).

Resultados

Vinculação – EVA

Na escala da vinculação do adulto – EVA – os resultados obtidos estão descritos na Tabela 5.

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

Tabela 5

Dimensões da EVA (N = 194)

EVA - Dimensões	*Min*	*Max*	*M*	*Desvio Padrão*
Ansiedade	1.00	5.00	2.67	.97
Conforto com a Proximidade	2.17	5.00	3.44	.63
Confiança nos Outros	1.50	4.67	3.06	.64

Nota. Valores obtidos em função do valor bruto pelo número de itens correspondentes a cada escala. N = Amostra Total; Min = Mínimo; Max = Máximo; M =Média;

A dimensão com valor mais alto é o "Conforto com a Proximidade" (M = 3.44) que evidencia conforto com a proximidade e intimidade, de seguida a "Confiança nos Outros" com (M = 3.06) um valor médio baixo refletindo perceção moderada alta da disponibilidade dos outros quando necessária e por fim a "Ansiedade" (M = 2.67) apresenta um valor médio baixo o que traduz a existência de pouca ansiedade relacionada com questões interpessoais e o medo de abandono ou de não ser querido.

A análise das dimensões da Escala de Vinculação do Adulto (EVA) em função das variáveis sociodemográficas revelou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos apenas para duas variáveis (Tabela 6). Na dimensão "Ansiedade", verificou-se uma diferença significativa em função da religião, (t(189) = -0.395, p < .05, d = -0.067), com participantes sem filiação religiosa (M = 2.71, DP = 1.10) a apresentarem níveis ligeiramente superiores aos participantes com filiação cristã (M = 2.65, DP = 0.94). Na dimensão "Conforto com a Proximidade", observaram-se diferenças significativas associadas à prática religiosa, (t(192) = -0.984, p < .05, d = -0.148) sendo que os não praticantes apresentaram valores médios mais elevados (M = 3.47, DP = 0.70) do que os participantes praticantes (M = 3.38, DP = 0.46). Os tamanhos de efeito observados foram baixos, sugerindo que estas diferenças têm uma magnitude prática reduzida.

Na dimensão "Confiança nos Outros", observaram-se diferenças significativas em função da prática religiosa (t(192) = .615, p < .05, d = .092), em que os participantes que

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

são praticantes da religião apresentam média ligeiramente superior (*M* = 3.10, *DP* = .57) aos que não praticam (*M* = 3.04, *DP* = .68).

Tendo em conta as restantes variáveis sociodemográficas não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos (Apêndice F).

Tabela 6.

Diferenças sociodemográficas da Escala de Vinculação do Adulto – EVA

	EVA		
	Ansiedade	**Conforto com a Proximidade**	**Confiança nos Outros**
Religião	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Cristã (n=145)	2.65(.94)	3.42(.58)	3.12(.63)
Sem filiação (n=46)	2.71(1.10)	3.52(.74)	2.88(.65)
t (sig)	-.395*	-.972**	2.259**
d de Cohen	-.067	-.165	.388
Praticante	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Sim (n=69)	2.58(.87)	3.38(.46)	3.10(.57)
Não (n=125)	2.72(1.02)	3.47(.70)	3.04(.68)
t (sig)	-.911**	-.984*	.615*
d de Cohen	-.137	-.148	.092

*Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão; * = Existe diferenças estatisticamente significativas; ** = Não há diferenças estatisticamente significativas.*

Estilos de Vinculação dos Participantes

A classificação dos padrões de vinculação é determinada com base nos resultados da média da dimensão "Ansiedade" e do valor médio das duas dimensões "Conforto com a Proximidade" e "Confiança nos Outros" (calculada uma nova dimensão "ConfortoConfiança"). Os participantes que apresentam valores superiores a 3 na dimensão "ConfortoConfiança" e valores inferiores a 3 na dimensão "Ansiedade" são classificados como "Seguros". Aqueles que apresentam valores superiores a 3 em ambas as dimensões, são considerados "Preocupados". Participantes com valores inferiores a 3 nas duas dimensões como "Desligados" e valores inferiores a 3 na dimensão "ConfortoConfiança" e superiores a 3 na dimensão "Ansiedade" como "Amedrontados" (Canavarro et al., 2006).

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

A Tabela 7 apresenta a frequência e percentagens dos estilos de vinculação dos participantes ("*n*" de cada estilo de vinculação) e o valor dos *Clusters* obtidos que usados para os agrupar. Foram classificados 63 indivíduos no estilo "Amedrontado" (32,5%), 57 no estilo "Desligado" (29,4%), 37 no estilo "Preocupado" (19,1%) e 37 no estilo "Seguro" (19,1%). Assim, observou-se uma distribuição relativamente equilibrada entre os diferentes estilos, com ligeira maior frequência dos estilos inseguros ("Amedrontado" e "Desligado") em relação aos seguros ("Preocupado" e "Seguro").

Tabela 7

Análise Descritiva dos Estilos Vinculativos EVA (N = 194)

Dimensões	**Estilos Vinculativos**							
	Preocupado		**Desligado**		**Seguro**		**Amedrontado**	
	n	***%***	***n***	***%***	***n***	***%***	***n***	***%***
	37	19.1	57	29.4	37	19.1	63	32.5
Ansiedade	4.67		1.17		1.50		3.67	
ConfortoConfiança*	4.17		2.08		4.67		1.83	

*Nota: *Nova dimensão (média da soma das dimensões "Conforto com a Proximidade" e "Confiança nos Outros"); N = Amostra Total; n = Frequência de caso; EVA – Escala de Vinculação do Adulto; % = Percentagem Válida;*

Posteriormente, os estilos de vinculação foram analisados em função das variáveis sociodemográficas através de tabulação cruzada (Qui-Quadrado da Independência).

Tabela 8

Análise das características sociodemográficas em função dos Estilos de Vinculação - EVA

	Estilos	**Vinculativos**		
	Preocupado	**Desligado**	**Seguro**	**Amedrontado**
Praticante	***n***	***n***	***n***	***n***
Sim (n=69)	10	28	8	23
Não (n=125)	27	29	29	40
Qui-Quadrado (X^2)		**8.912***		

*Nota: * = Existe associação estatisticamente significativa entre as variáveis; ** = Não existe associação estatisticamente significativa entre variáveis.*

A análise do teste do qui-quadrado (Tabela 8) revelou uma associação estatisticamente significativa entre a variável "Praticante" e os estilos de vinculação (χ^2 $(3, N = 194) = 8.91, p < .05$). Este resultado indica que a distribuição dos estilos de vinculação difere tendo em conta se os participantes são ou não praticantes da religião. A

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

análise das frequências observadas e esperadas mostra que os praticantes da religião apresentaram uma proporção superior ao esperado no estilo "Desligado" e inferior ao esperado no estilo "Seguro". Assim, pode concluir-se que a prática de religião se encontra associada a variações nos padrões de vinculação.

Para as restantes variáveis sociodemográficas, não foram encontradas associações estatisticamente significativas com os estilos de vinculação ($p > .05$) (Apêndice G).

Por fim, foi analisada a perceção do grau de comprometimento na relação atual ou mais recente dos participantes (em que 0 – nada comprometido e 5 – totalmente comprometido) (Tabela 9). O teste do Qui-Quadrado revelou uma associação estatisticamente significativa entre estas variáveis ($\chi^2 = 26.353$, $p = .034$). Observou-se que em todos os estilos, a maioria dos participantes apresenta estar "totalmente comprometido", o que indica uma tendência geral na amostra. No entanto, participantes com estilo "Seguro" apresentaram-se mais frequentemente no nível de "comprometimento baixo" do que era esperado. Contudo, para além deste resultado significativo, verificou-se uma tendência (mesmo não sendo estatisticamente significativa) de participantes com estilo "Desligado" apresentarem-se mais frequentemente no nível de "nada comprometido" do que era esperado.

Tabela 9

Diferenças entre a Perceção do grau de comprometimento relacionar e Estilos Vinculativos da EVA

	Estilos Vinculativos			
	Preocupado (n = 26)	**Desligado (n = 43)**	**Seguro (n = 30)**	**Amedrontado (n = 42)**
Perceção do grau de comprometimento relacional	***n***	***n***	***n***	***n***
Nada comprometido	0	3	0	1
Comprometimento muito baixo	0	0	0	1
Comprometimento baixo	0	1	3	0
Comprometimento moderado	3	0	1	2
Comprometimento alto	1	6	1	9
Totalmente comprometido	22	33	25	29
Qui-Quadrado (X^2)	**26.353***			

*Nota: * = Existe associação estatisticamente significativa entre as variáveis; ** = Não existe associação estatisticamente significativa entre variáveis.*

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

Atitudes Sexuais – EAS

Relativamente à Escala das Atitudes Sexuais, os resultados variam entre valores medianos a altos nas dimensões "Permissividade", "Práticas Sexuais", "Comunhão" e "Instrumentalidade" (Tabela 10).

Tabela 10

Dimensões da EAS (N=194)

EAS - Dimensões	***Min***	***Max***	***M***	***Desvio Padrão***
Permissividade	21	101	50.35	19.23
Práticas Sexuais	7	35	29.39	5.45
Comunhão	9	45	35.29	7.64
Instrumentalidade	6	30	15.06	6.06

Nota. Valores obtidos em função do valor bruto pelo número de itens correspondentes a cada escala. N = Amostra Total; Min = Mínimo; Max = Máximo; M =Média;

A pontuação mais elevada foi a dimensão "Práticas Sexuais" (M = 29.39) que demonstra a alta concordância dos participantes relativamente ao planeamento familiar, à importância da educação sexual e à prática de masturbação; de seguida, a dimensão "Comunhão" (M =35.29) que se refere à perceção do sexo como uma experiência intima, física, psicológica, de partilha e de envolvimento; de seguida, a dimensão "Instrumentalidade" (M = 15.06) que indica uma mediana concordância relativamente ao sexo como forma de obtenção de prazer físico; por fim, a dimensão "Permissividade" (M = 50.35) que está relacionada com uma mediana concordância relativamente ao sexo ocasional e sem compromissos, consentimento na diversidade de parceiros e perceção do sexo como uma forma de partilha e obtenção de prazer.

A análise das dimensões da Escala de Atitudes Sexuais (EAS), considerando as variáveis sociodemográficas, revelou algumas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 11).

Na dimensão "Permissividade" (PER), observaram-se diferenças significativas em função do sexo biológico, ($t(192) = 3.58$, $p < .05$, $d = 0.52$) com homens (M = 55.96,

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

DP = 22.15) a apresentarem médias superiores às mulheres (*M* = 46.25, *DP* = 15.64). Ainda, observam-se diferenças significativas em função à prática de *sextting* (*t*(192) = 4.56, *p* < .05, *d*= 0.73), sendo que os participantes praticantes revelam valores mais elevados (*M* = 54.07, *DP* = 19.63) do que os não praticantes (*M* = 40.70, *DP* = 14.27). Por fim, quanto ao método contracetivo observaram-se diferenças significativas, (*H*(2) = 7.17, *p* < .05), com médias mais elevadas entre participantes que não utilizam métodos contracetivos (*M* = 57.80, *DP* = 24.17) face aos que utilizam pílula hormonal (*M* = 43.70, *DP* = 13.59).

Na dimensão "Práticas Sexuais" (PRA), observaram-se diferenças estatisticamente significativas em função da idade (*H*(2) = 2.496, *p* < .05), com médias mais altas entre os 22 a 25 anos (*M* = 30.10, *DP* = 5.33). Observaram-se diferenças significativas em função da prática de *sextting*, (*t*(192) = 3.36, *p* < .05, *d* = 0.54), com os praticantes de sextting a apresentarem médias mais altas (*M* = 30.19, *DP* = 4.69) em comparação com não praticantes (*M* = 27.33, *DP* = 6.66).

Na dimensão "Instrumentalidade" (INS), observaram-se diferenças significativas em função da situação profissional, *t*(192) = 0.50, *p* < .05, *d* = 0.08, com estudantes a apresentarem médias ligeiramente superiores (*M* = 15.46, *DP* = 4.82) do que trabalhadores (*M* = 15.01, *DP* = 6.70). Os tamanhos de efeito observados foram baixos, sugerindo que estas diferenças têm uma magnitude prática reduzida.

Na dimensão "Comunhão" (COM), observaram-se diferenças significativas em função da prática de *sextting* *t*(192) = .819, *p* < .05, *d* = .131, em que os praticantes apresentam uma média ligeiramente mais alta (*M* = 35.57, *DP* = 6.51) que os não praticantes (*M* = 34.57, *DP* = 10.04). Os tamanhos de efeito observados foram baixos, sugerindo que estas diferenças têm uma magnitude prática reduzida.

Para as restantes variáveis sociodemográficas, não foram encontradas associações estatisticamente significativas com os estilos de vinculação ($p > .05$) (Apêndice H).

Tabela 11

Características sociodemográficas e resultados da Escala de Atitudes Sexuais – EAS

	EAS			
	PER	**PRA**	**COM**	**INS**
Idade	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
18 – 21 (n=47)	51.17(20.98)	29.23(4.11)	35.08(6.17)	16.02(6.09)
22 – 25 (n=102)	49.18(16.50)	30.10(5.33)	36.18(7.30)	14.43(5.20)
26 – 30 (n=45)	52.15(23.01)	27.95(6.64)	33.51(9.43)	15.48(7.61)
ANOVA	.425**	2.496**	1.955**	1.256**
Comparação múltipla de médias de ordens *(Tukey HSD)*	ns	ns	ns	ns
Kruskal-Wallis	**	*	**	**
Sexo Biológico	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Feminino (n=112)	46.25(15.64)	29.45(5.86)	35.43(8.02)	14.36(4.96)
Masculino (n=82)	55.96(22.15)	29.31(4.87)	35.10(7.13)	16.01(7.22)
t (sig)	3.58*	-.17**	-.29**	1.88**
d de Cohen	.52	-.02	-.04	.27
Situação Profissional	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Trabalhador (n=86)	50.80(19.91)	29.48(5.47)	35.62(7.80)	15.01(6.70)
Estudante (n=84)	49.09(17.24)	29.97(4.71)	35.86(6.56)	15.46(4.82)
t (sig)	-.597**	.622**	.218**	.504*
d de Cohen	-.092	.095	.033	.077
Praticante de *Sextting*	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Sim (n=140)	54.07(19.63)	30.19(4.69)	35.57(6.51)	15.50(6.22)
Não (n=54)	40.70(14.27)	27.33(6.66)	34.57(10.04)	13.90(5.49)
t (sig)	4.559*	3.358*	.819*	1.655**
d de Cohen	.730	.538	.131	.265
Método Contracetivo	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
1 – Preservativo (n=75)	51.26(18.97)	29.01(6.37)	34.97(9.06)	15.45(6.03)
2 - Pílula Hormonal (n=58)	43.70(13.59)	29.34(5.47)	36.37(7.34)	13.93(4.61)
3 - Não utilizo (n=46)	57.80(24.17)	29.86(3.78)	34.45(5.81)	15.56(7.58)
ANOVA	7.173*	.343**	.893**	1.305**
Kruskall-Wallis	**	**	**	**
Comparação múltipla de médias de ordens *(Tukey HSD)*	3vs2	ns	ns	ns

*Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão; ns = Não significativo, as comparações múltiplas (Tukey HSD) não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes métodos contracetivos (p > .05); * = Existe diferenças estatisticamente significativas; ** = Não há diferenças estatisticamente significativas.*

Estilos de Vinculação e Atitudes Sexuais

As atitudes sexuais foram analisadas em função dos estilos de vinculação (EVA) e a Tabela 12 apresenta os resultados obtidos.

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

Os resultados obtidos através da *ANOVA* e do teste não paramétrico de *Kruskal-Wallis* indicam que não se verificam diferenças estatisticamente significativas nas dimensões da Escala de Atitudes Sexuais (EAS) — "Permissividade" (PRE), "Práticas Sexuais" (PRA), "Comunhão" (COM) e "Instrumentalidade" (INS) — em função dos estilos de vinculação ("preocupado", "desligado", "seguro" e "amedrontado").

Tabela 12

Comparação das dimensões da EAS em Função dos Estilos de Vinculação

	EAS			
	PRE	**PRA**	**COM**	**INS**
Estilo de Vinculação	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Preocupado	55.10(19.09)	28.59(7.21)	34.27(9.35)	15.67(6.56)
Desligado	48.96(19.09)	29.10(4.11)	35.35(6.88)	15.12(6.00)
Seguro	49.81(23.27)	31.40(3.70)	37.78(5.91)	14.91(6.86)
Amedrontado	49.14(16.70)	28.95(6.00)	34.39(7.93)	14.73(5.38)
ANOVA	.945**	2.171**	1.843**	.196**
Kruskall-Wallis	**	**	**	**
Comparação múltipla de médias de ordens *(Tukey HSD)*	ns	ns	ns	ns

*Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão; ns = Não significativo, as comparações múltiplas (Tukey HSD) não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes métodos contracetivos (p > .05); * = Existe diferenças estatisticamente significativas; ** = Não há diferenças estatisticamente significativas; PER – Permissividade Sexual; PRA – Práticas Sexuais; COM – Comunhão; INS – Instrumentalidade;*

Ainda com o objetivo de analisar a relação entre os estilos de vinculação e as atitudes sexuais, foi realizado uma análise de correlação de *Pearson* entre as dimensões da Escala de Vinculação do Adulto (EVA) e as dimensões da Escala de Atitudes Sexuais (EAS) (Tabela 13).

No que diz respeito às correlações entre as dimensões da EVA e da EAS, observou-se que a dimensão "Ansiedade" se correlacionou negativamente com a dimensão "Práticas Sexuais" ($r = –.162$, $p < .05$), o que indica que participantes com maior ansiedade nos vínculos reportam menor envolvimento ou conforto com a atividade sexual. As restantes correlações entre a dimensão "Ansiedade" e as dimensões da EAS não foram estatisticamente significativas. A dimensão "Conforto com a Proximidade" apresentou correlações positivas com as dimensões "Práticas Sexuais" ($r = .253$, $p < .01$)

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

e “Comunhão” (r = .201, p < .01), evidenciando que maior abertura emocional está associada a atitudes sexuais mais afetivas e partilhadas. Por fim, a dimensão “Confiança nos Outros” não apresentou correlações estatisticamente significativas com nenhuma das dimensões da EAS.

Tabela 13

Correlações entre EVA e EAS

	EAS			
EVA	Permissividade	Práticas Sexuais	Comunhão	Instrumentalidade
Ansiedade	.099	-.162*	-.140	.029
Conforto com a Proximidade	.027	.253**	.201**	-.004
Confiança nos Outros	-.104	.089	.138	-.018

*Nota: * Diferença ou correlação significativa (p<.05); ** Diferença ou correlação muito significativa (p<.01); EVA – Escala de Vinculação do Adulto; EAS – Escala de Atitudes Sexuais;*

Discussão

O objetivo deste estudo visa compreender de que forma os jovens adultos percecionam as suas atitudes sexuais e os estilos de vinculação nas relações amorosas, bem como explorar a relação entre estas variáveis.

Os principais resultados deste estudo indicam que:

1. Na vinculação, a dimensão mais elevada foi o “Conforto com a Proximidade”, seguida da “Confiança nos Outros” e da “Ansiedade”. Verificou-se que participantes sem filiação religiosa apresentam mais “Ansiedade”, enquanto praticantes apresentam maior “Confiança nos Outros” do que os não praticantes.
2. Nos estilos de vinculação, verificou-se uma distribuição diversificada, sendo os estilos inseguros (“Amedrontado” e “Desligado”) mais frequentes do que os estilos seguros (“Preocupado” e “Seguro”). Participantes praticantes revelaram maior frequência do estilo “Desligado” e menor do estilo “Seguro”. De forma

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

geral, os participantes percecionaram-se como "totalmente comprometidos" nas relações, embora os de estilo "Seguro" reportassem menor comprometimento.

3. Relativamente às atitudes sexuais, destacou-se a dimensão **"**Práticas Sexuais", seguida de "Comunhão"**, "**Instrumentalidade" e, por fim**, "**Permissividade". Observou-se que os mais permissivos são homens, praticantes de *sextting* e aqueles que não utilizam métodos contracetivos. Além disso, participantes entre os 22-25 anos e praticantes de *sextting* reportaram mais práticas sexuais; estudantes revelaram maior instrumentalidade; e praticantes de *sextting* apresentaram maior comunhão.
4. Na relação entre vinculação e atitudes sexuais, níveis mais elevados de "Ansiedade" associaram-se a valores mais baixos na dimensão "Práticas Sexuais", sugerindo menor valorização do planeamento familiar, da educação sexual e da prática de masturbação e maior "Conforto com a Proximidade" correlacionou-se com valores mais elevados nas dimensões "Práticas Sexuais" e "Comunhão", indicando maior concordância com a vivência da sexualidade enquanto espaço de intimidade, partilha e envolvimento.

Na vinculação, a dimensão mais elevada foi o "Conforto com a Proximidade", seguida da "Confiança nos Outros" e, por último, da "Ansiedade". Este resultado sugere que, apesar das inseguranças típicas da adultez emergente, os jovens adultos demonstraram abertura à intimidade e uma perceção relativamente positiva da disponibilidade dos outros. Este resultado pode ser compreendido à luz da literatura que sublinha a importância dos modelos relacionais familiares: expressões de afeto entre pais e filhos funcionam como referências internalizadas, o que promove maior conforto na proximidade emocional (Collins et al., 2009). De igual modo, a confiança nas relações amorosas está associada a maior autoestima, sociabilidade e bem-estar psicológico (Melo

& Mota, 2013), o que ajuda a explicar os níveis médios de confiança observados. A diferença encontrada entre participantes com e sem filiação/prática religiosa pode ser explicada pelo papel da religião enquanto elemento cultural que influencia as conceções sobre amor, sexualidade e casamento (Féres-Carneiro & Jablonski, 2005).

No segundo ponto, verificou-se uma distribuição diversificada sendo os estilos inseguros ("Amedrontado" e "Desligado") mais frequentes do que os estilos seguros ("Preocupado" e "Seguro"), o que confirma o que Matos (2001) descreveu, ao observar a expressão de perfis como o preocupado e o amedrontado em jovens adultos. O facto de os praticantes religiosos apresentarem maior frequência do estilo "Desligado" e menor do estilo "Seguro" pode estar relacionado com normas culturais e religiosas que modulam a intimidade e a forma de expressão emocional (Féres-Carneiro & Jablonski, 2005). A perceção de "comprometimento total" relatada pela maioria, contrastando com os participantes de estilo "Seguro" que reportaram menor comprometimento, demonstra a complexidade do envolvimento romântico, dimensão destacada por Collins et al. (2009) e Martins-Silva et al. (2013) como central na vivência dos relacionamentos amorosos.

O terceiro ponto, referente às atitudes sexuais, mostra a valorização das dimensões "Práticas Sexuais" e **"**Comunhão", refletindo a diversidade de perspetivas que Marques (2009) encontrou no estudo com jovens adultos, onde a sexualidade surge como experiência de prazer, mas também relacional e afetiva. A maior permissividade observada nos homens está em concordância com Marques (2009) e Saavedra et al. (2010), que identificaram diferenças de género, com a sexualidade masculina mais associada ao prazer físico e a feminina à afetividade e à responsabilidade. A associação entre *sextting* e maior permissividade, comunhão e práticas sexuais pode ser compreendida por Féres-Carneiro & Jablonski (2005), que assinalam o surgimento de

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

novas formas de relacionamento baseadas na sedução e no prazer. Por sua vez, a maior instrumentalidade entre estudantes e a maior frequência de práticas sexuais entre os 22 e 25 anos confirmam o que Arnett (cit. in Carneiro et al., 2015; Rivera et al., 2011) designa como características da adultez emergente, fase de exploração identitária e de intensificação das experiências relacionais e sexuais.

Por último, no quarto ponto, a correlação negativa entre "Ansiedade" e a dimensão "Práticas Sexuais" sugere que níveis mais elevados de "Ansiedade" se associam a menor valorização de aspetos como o planeamento familiar, a educação sexual e a prática de masturbação. Este resultado confirma as conclusões de Mendonça (2010), que relaciona vínculos amorosos seguros com maior proteção nas práticas sexuais e vinculações menos seguras com comportamentos de risco. Também Neves (2011) observou que vínculos frágeis e falta de apoio parental podem antecipar o início da atividade sexual, frequentemente de forma menos segura. Por outro lado, os participantes com maior "Conforto com a Proximidade" apresentaram valores mais elevados nas dimensões "Práticas Sexuais" e "Comunhão", o que está de acordo com Melo & Mota (2013) e Collins et al. (2009), que associam a qualidade das relações amorosas e a confiança no parceiro a maiores níveis de bem-estar, intimidade e partilha.

Os resultados deste estudo reforçam que a adultez emergente é uma fase marcada por instabilidade, exploração e diversidade de experiências, em que a vinculação e a sexualidade se interligam e são moduladas por fatores culturais, religiosos e relacionais.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo compreender de que forma os jovens adultos percecionam as suas atitudes sexuais e os estilos de vinculação nas relações amorosas, bem como explorar a relação entre estas variáveis.

De forma geral, os resultados evidenciam que a adultez emergente é uma fase de instabilidade, exploração e diversidade de experiências, confirmando a conceptualização de Arnett (cit. in Carneiro et al., 2015) e Rivera et al. (2011) sobre esta etapa do desenvolvimento. A maior expressão dos estilos de vinculação inseguros reforça a ideia de que, nesta fase, os jovens enfrentam simultaneamente necessidades de autonomia e de intimidade, o que gera padrões relacionais mais instáveis (Matos, 2001). Assim, a adultez emergente apresenta-se como um período de reorganização identitária e relacional, em que os modelos internos de vinculação continuam a ser testados e redefinidos.

Outro aspeto relevante prende-se com o impacto de fatores socioculturais. A prática religiosa mostrou associar-se a diferenças nos estilos de vinculação e níveis de confiança, o que está de acordo com a literatura que sublinha o papel das normas culturais e religiosas na definição das conceções de amor, intimidade e compromisso (Féres-Carneiro & Jablonski, 2005). Da mesma forma, fenómenos contemporâneos como o *sextting*, já identificado como uma prática comum entre jovens, surgem associados a atitudes sexuais mais permissivas e também mais relacionais. Tal confirma que os contextos digitais se tornaram novos espaços de socialização afetiva e sexual, onde se articulam prazer, intimidade e formas emergentes de envolvimento (Marques, 2009; Saavedra et al., 2010).

As atitudes sexuais evidenciaram uma visão multifacetada da sexualidade: por um lado, valorizada como espaço de afeto e partilha ("Comunhão"); por outro, marcada por componentes de exploração e instrumentalidade. Esta diversidade de significados acompanha a evolução cultural da sexualidade entre os jovens portugueses, que já não a encaram apenas como um espaço de reprodução, mas também como componente essencial da sua socialização e identidade (Morais, 2016; Neves, 2011).

Este estudo apresenta ainda implicações clínicas relevantes. A constatação de que muitos jovens adultos se identificam com estilos de vinculação inseguros aponta para a necessidade de integrar esta dimensão em programas de educação afetivo-sexual. A promoção da consciência sobre os modelos de vinculação poderá contribuir para o desenvolvimento de relações mais seguras, com impacto positivo no bem-estar psicológico e na prevenção de comportamentos de risco (Mendonça & Almeida, 2010). Do mesmo modo, a influência da religiosidade e das práticas digitais, como o *Sextting*, mostra que a intervenção clínica e educativa deve considerar os diferentes contextos culturais e tecnológicos que moldam as vivências dos jovens. Uma abordagem que reconheça essa pluralidade permitirá oferecer respostas mais ajustadas às necessidades desta população.

Ainda, importa reconhecer algumas limitações deste estudo. A amostra apresentou características relativamente homogéneas, sobretudo em termos de idade e contexto académico, o que limita a generalização dos resultados. O recurso a questionários de autorrelato pode também ter sido influenciado pela desejabilidade social, particularmente em temáticas sensíveis como a sexualidade.

Futuras investigações poderão beneficiar de amostras mais diversificadas e de metodologias longitudinais que permitam acompanhar a evolução da vinculação e das atitudes sexuais ao longo do tempo, tal como a avaliação da desejabilidade social. A análise do impacto das tecnologias digitais e das redes sociais na construção da intimidade apresenta-se igualmente como uma via promissora de aprofundamento.

Este estudo confirma que a adultez emergente é um período decisivo de exploração afetiva e sexual, no qual a vinculação e a sexualidade desempenham um papel central. A articulação destas dimensões com fatores socioculturais evidencia a

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

necessidade de abordagens clínicas e educativas que considerem a complexidade e diversidade das trajetórias dos jovens.

Referências Bibliográficas

Alferes, V. R. (1999). *Escala de atitudes sexuais*. In M. R. Simões, M. M. Gonçalves, & L. A. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 131–148). SHO/APPORT.

Alferes, V. R. (2004). *Atração interpessoal, sexualidade e relações íntimas*. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), Psicologia social (6ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian. https://gaius.fpce.uc.pt/niips/novoplano/ps1/documentos/Artigo_22.pdf

Aragão, J. (2011). *Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas* [Introduction to quantitative studies used in scientific research]. Revista Práxis. https://doi.org/10.25119/praxis-3-6-566

Carneiro, V. T., & Sampaio, S. M. R. (2015). *Adultez emergente: Um fenômeno normativo?* Psychologica, *58*, 147–168. https://doi.org/10.14195/1647-8606_58_8

Collins, W. A., Welsh, D. P., & Furman, W. (2009). *Adolescent romantic relationships*. Annual Review of Psychology*, 60*(1), 631–652. https://doi.org/10.1146/annurev.psych.60.110707.163459

Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2005). *Adolescência e relações amorosas: Um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas*. Interação em Psicologia*, 9*(1), 85–93. https://doi.org/10.5380/psi.v9i1.3283

Ferreira, M. A. F. (n.d.). *Comportamentos sexuais de risco do jovem adulto em ambiente recreativo* [Manuscrito não publicado].

Marques, A. C. (2009). *"Os homens não são iguais e todas as mulheres não são iguais": Representações dos jovens sobre sexualidade* [Working paper]. CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, ISCTE. https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1537/1/CIES-WP76%20Marques.pdf

Marotti, J., Galhardo, A. P. M., Furuyama, R. J., Pigozzo, M. N., Campos, N. T., & Laganá, D. C. (2008). *Amostragem em pesquisa clínica: Tamanho da amostra*. Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, 20*(2), 186–194. https://www.researchgate.net/publication/285800533

Martins-Silva, P. D. O., Trindade, Z. A., & Silva Junior, A. D. (2013). *Teorias sobre o amor no campo da psicologia social.* Psicologia: Ciência e Profissão*, 33*(1), 16–31. https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000100003

Matos, P. M. (2001). *Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação* [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade do Porto.

Melo, O., & Mota, C. P. (n.d.). *Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares*. Psicologia em Estudo.

Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). *Transição para a idade adulta e adultez emergente: Adaptação do questionário de marcadores da adultez junto de jovens portugueses.* Psychologica*, 51*, 147–168. https://doi.org/10.14195/1647-8606_51_10

Morais, A. (2016). *Atitudes sexuais, locus de controlo de saúde e ajustamento emocional em jovens adultos* [Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório aberto da ULHT.

Neves, M. (2011). *Atitudes e comportamentos sexuais de estudantes universitários* [Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa]. Repositório aberto da UFP. https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2720/5/T_17992.pdf

Pocinho, M. (2012). *Metodologia de investigação e comunicação do conhecimento científico* (1ª ed.). Lidel.

Rivera, D., Cruz, C., & Muñoz, C. (2011). *Satisfacción en las relaciones de pareja en la adultez emergente: El rol del apego, la intimidad y la depresión*. Terapia Psicológica, *29*(1), 77–83. https://doi.org/10.4067/S0718-48082011000100008

Saavedra, L., Nogueira, C., & Magalhães, S. (2010). *Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: Implicações para a educação sexual*. Educação & Sociedade, *31*(110), 65–84. https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000100008

Santos, T. (2020). *Vinculação e atitudes sexuais – Estudo com adultos utilizadores de apps de dating* [Dissertação de mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório aberto do Instituto Superior Miguel Torga.

Saúde, O. M. da, Liebel, V. A., Canavese, D., Polidoro, M., Signorelli, M. C., Souza, M. H. T. de, & Pritsch, M. (2020). *Saúde sexual, direitos humanos e a lei*. Ciência & Saúde Coletiva, *25*(2), 447–456. https://doi.org/10.1590/1413-81232020252.11362018

Vicente, H. T., Daniel, F., Sequeira, J., & Hampson, R. (2023). *Rethinking the self-report family inventory-Version II (SFI-II): Factor structure and psychometric properties of the Portuguese version.* Contemporary Family Therapy*, 45*(1), 11–23. https://doi.org/10.1007/s10591-021-09598-2

Vilar, D. (2005). *Educação sexual em rede*. Associação para o Planeamento Familiar.

Anexos

Anexo I – Escala de Atitudes Sexuais (EAS)

(V. R. Alferes, 1999; Versão Portuguesa da Sexual Attitudes Scale – Hendrick & Hendrick, 1987.)

Instruções: Leia cuidadosamente cada afirmação e assinale respetivamente a opção de resposta que melhor o descreve.

Afirmações	**Escala**				
	1 – Completamente em desacordo	**2**	**3**	**4**	**5 – Completamente de acordo**
1. Não preciso de estar comprometido com uma pessoa para ter relações sexuais com ela.					
2. As relações sexuais ocasionais são aceitáveis.					
3. Gostaria de ter relações sexuais com muitos parceiros.					
4. As aventuras sexuais de uma só noite são, por vezes, muito agradáveis.					
5. É correto ter relações sexuais com mais do que uma pessoa no mesmo período de tempo.					
6. É correto influenciar uma pessoa para ter relações sexuais sem fazer quaisquer promessas para o futuro.					
7. As relações sexuais como simples troca de "serviços" são aceitáveis desde que ambos os parceiros estejam de acordo.					
8. O melhor sexo é o que se faz na ausência de quaisquer "compromissos".					
9. A vida teria menos problemas se as pessoas tivessem relações sexuais de modo mais livre.					
10. É possível gostar de ter relações sexuais com uma pessoa não gostando muito dessa pessoa.					
11. O sexo é mais divertido com alguém que não amamos.					
12. É correto "pressionar" alguém para ter relações sexuais.					
13. É bom ter uma prolongada experiência sexual pré-marital.					
14. As "aventuras extraconjugais" são aceitáveis desde que o nosso(a) parceiro(a) não saiba delas.					
15. O sexo só pelo sexo é perfeitamente aceitável.					
16. Sentir-me-ia confortável tendo relações sexuais com o meu parceiro na presença de outras pessoas.					
17. A prostituição é aceitável.					
18. O sexo apenas como forma de "descarga" física é bom.					
19. O sexo sem amor não faz sentido.					
20. As pessoas deviam, no mínimo, ser amigas antes de terem relações sexuais.					

21. Para que o sexo seja bom é necessário ter sentido para as pessoas.					
22. O planeamento familiar faz parte de uma sexualidade responsável.					
23. As mulheres devem partilhar as responsabilidades do planeamento familiar					
24. Os homens devem partilhar as responsabilidades do planeamento familiar.					
25. A educação sexual é importante para a juventude.					
26. Usar "instrumentos e objetos sexuais" quando se faz amor é aceitável.					
27. A masturbação é algo agradável e inofensivo.					
28. Masturbar o nosso(a) parceiro(a) durante as relações sexuais pode aumentar o prazer do sexo.					
29. O sexo torna-se melhor à medida que as relações progridem.					
30. O sexo é a forma mais íntima de comunicação entre duas pessoas.					
31. Um encontro sexual entre duas pessoas profundamente apaixonadas é a forma mais sublime de interação humana.					
32. O orgasmo é a melhor experiência do mundo.					
33. Na sua melhor expressão, o sexo parece ser a fusão de dois "seres".					
34. O sexo é uma parte muito importante da vida.					
35. O sexo é, geralmente, uma experiência intensa e absorvente.					
36. Durante as relações sexuais, o conhecimento intenso do(a) parceiro(a) é o melhor "estado de espirito".					
37. Fazer sexo é, fundamentalmente, bom.					
38. O sexo é melhor quando nos "deixamos ir" e nos centramos no nosso próprio prazer.					
39. O sexo é, em primeiro lugar, obter prazer através do outro.					
40. A principal finalidade do sexo é darmo-nos prazer a nós mesmos.					
41. O sexo é, principalmente, uma atividade física.					
42. O sexo é, principalmente, uma função corporal, tal como comer.					
43. O sexo é sobretudo um jogo entre machos e fêmeas.					

Anexo II – Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

Adult Attachment Scale_R

(Versão original: Collins & Read, 1990; Versão portuguesa: Canavarro, 1997)

Instruções: Leia cuidadosamente cada uma das afirmações que se seguem e assinale o grau em que cada uma descreve a forma como se sente em relação às relações afetivas que estabelece. Pense em todas as relações (passadas e presentes) e responda de acordo com o que geralmente sente. Se nunca esteve afetivamente envolvido com um parceiro, responda de acordo com o que pensa que sentiria nesse tipo de situação.

	Nada característico em mim	**Pouco característico em mim**	**Característico em mim**	**Muito característico em mim**	**Extremamente característico em mim**
1. Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas.					
2. Tenho dificuldade em sentir-me dependente dos outros.					
3. Costumo preocupar-me com a possibilidade de os meus parceiros não gostarem verdadeiramente de mim.					
4. As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria.					
5. Sinto-me bem dependendo dos outros.					
6. Não me preocupo pelo facto das pessoas se aproximarem muito de mim.					
7. Acho que as pessoas nunca estão presentes quando são necessárias.					
8. Sinto-me de alguma forma desconfortável quando me aproximo das pessoas.					
9. Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiros me deixarem.					
10. Quando mostro os meus sentimentos, tenho medo que os outros não sintam o mesmo por mim.					

11. Pergunto frequentemente a mim mesmo se os meus parceiros realmente se importam comigo.					
12. Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com outras pessoas.					
13. Fico incomodado quando alguém se aproxima emocionalmente de mim.					
14. Quando precisar, sinto que posso contar com as pessoas.					
15. Quero aproximar-me das pessoas, mas tenho medo de ser magoado(a).					
16. Acho difícil confiar completamente nos outros.					
17. Os meus parceiros desejam frequentemente que eu esteja mais próximo deles do que eu me sinto confortável em estar.					
18. Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas.					

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

Apêndices

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

Apêndice A – Tabelas Complementares das Características Sociodemográficas dos Participantes

Tabela 1

Características Sociodemográficas dos Participantes (N=194)

Variável	***n***	**%**	***Medidas Descritivas***
Género			
Mulher	110	56.7	*Mo* = Mulher
Homem	81	41.8	
Transgénero	2	1.0	
Prefiro não responder	1	.5	
Zona de Residência			
Zona Centro de Portugal Continental	150	77.3	*Mo* = Zona Centro de Portugal Continental
Zona Norte de Portugal Continental	23	11.9	
Zona Sul de Portugal Continental	18	9.3	
Arquipélago dos Açores	1	.5	
De momento encontro-me fora do país	2	1.0	
Meio de Residência			
Rural	119	61.3	*Mo* = Rural
Urbano	75	38.7	

Nota: n = número total de sujeitos da amostra; Mo = moda.

Apêndice B – Tabelas Complementares das Características Familiares dos Participantes

Tabela 2

Características Familiares dos Participantes (N=194)

Variável	*n*	%	*Medidas Descritivas*
Estado Civil do Mãe			
Casado (a)	141	72.7	*Mo* = Casado (a)
Divorciado (a)	29	14.9	
União de facto	14	7.2	
Solteiro (a)	4	2.1	
Outra situação	4	2.1	
Viúvo (a)	2	1.0	
Estado Civil da Pai			
Casado (a)	143	73.7	*Mo* = Casado (a)
Divorciado (a)	25	12.9	
União de facto	16	8.2	
Solteiro (a)	4	2.1	
Outra situação	4	2.1	
Viúvo (a)	2	1.0	

Nota: n = número total de sujeitos da amostra; Mo = moda.

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

Apêndice C – Tabelas Complementares das Características dos Relacionamentos Amorosos e sexuais dos Participantes

Tabela 2

Características dos Relacionamentos Amorosos e Sexuais dos Participantes

Variável	*n*	%	*Medidas Descritivas*
Envolvimentos Extraconjugais			
Não	133	68.6	*Mo* = Não
Sim	8	4.1	
Aceitação Familiar da Relação			
A família desconhece	9	4.6	*Mo* = A família aceita muito bem
A família suspeita	12	6.2	
A família sabe e aceita bem	14	7.2	
A família aceita muito bem	106	54.6	
Parceiros Amorosos			
1 a 5	178	91.8	*Mo* = 1 a 5 parceiros amorosos
5 a 10	12	6.2	
10 a 15	2	1.0	
+ de 20	2	1.0	
Parceiros Sexuais			
1 a 5	126	64.9	*Mo* = 1 a 5 parceiros amorosos
5 a 10	24	12.4	
10 a 15	21	10.8	
15 a 20	10	5.2	
+ de 20	9	4.6	

Nota: n = número total de sujeitos da amostra; Mo = moda.

Apêndice D – Consentimento Informado

Caro (a) Participante,

Este estudo tem como objetivo compreender as perceções dos jovens adultos relativamente às suas atitudes sexuais e estilos vinculativos, em relações amorosas.

Se tem entre **18 e 30 anos, se é de nacionalidade portuguesa e se já teve pelo menos uma relação amorosa**, convidamo-lo (a) a participar.

Todas as informações que prestar são **confidenciais** e a sua participação é **voluntária** e **anónima**. Este estudo obedece à Declaração de Helsínquia referente aos estudos com pessoas.

Os dados recolhidos serão exclusivamente utilizados para fins desta investigação.

Não existem respostas certas ou erradas às questões que lhe são colocadas. Seja sincero (a) e escolha a opção que mais corresponde ao que sente/pensa.

A sua participação é muito importante!

Qualquer questão ou esclarecimento poderá contatar: Mestranda Cindy Azenha (azenhacindy@gmail.com) e a Professora Doutora Joana Maria Aleluia Gomes Sequeira (joanasequeira@ismt.pt).

Devido à extensão das frases dos questionários, para facilitar o preenchimento dos mesmos, recomenda-se que, caso esteja a responder num smartphone ou tablet/ipad, utilize o seu dispositivo móvel na horizontal.

Confirmação:

- ☐ Declaro que tomei conhecimento das informações acima prestadas e aceito participar de forma voluntária neste projeto de investigação.

Apêndice E - Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares

1. **Qual a sua idade? _____**

2. **Qual o seu sexo biológico?**

   - ☐ Masculino
   - ☐ Feminino
   - ☐ Prefiro não dizer
   - ☐ Outro: _____

3. **Qual o género com que se identifica?**

   - ☐ Homem
   - ☐ Mulher
   - ☐ Transgénero
   - ☐ Não-Binário
   - ☐ Prefiro não responder
   - ☐ Outro: _____

4. **Qual ou quais dos seguintes termos descreve(m) melhor a sua orientação sexual?**

   Por favor, selecione todos os que se aplicam:

   - ☐ Lésbica
   - ☐ Gay
   - ☐ Bissexual
   - ☐ Pansexual
   - ☐ Assexual
   - ☐ Heterossexual
   - ☐ Em questionamento
   - ☐ Outro: _____

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

5. **Qual é o seu estado civil?**

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- União de facto
- Divorciado (a)
- Viúvo (a)

6. **Qual é a sua escolaridade completa?**

- 1º ciclo (até ao 4º ano)
- 2º ciclo (até ao 6º ano)
- 3º ciclo (até ao 9º ano)
- Ensino secundário (até ao 12º ano)
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

7. **Qual é a sua ocupação / situação profissional?**

- Estudante
- Trabalhador – Estudante
- Trabalhador
- Desempregado

8. **Qual é a sua zona de residência?**

- Zona Norte de Portugal Continental
- Zona Centro de Portugal Continental
- Zona Sul de Portugal Continental
- Arquipélago da Madeira
- Arquipélago dos Açores

□ De momento encontro-me fora do país

9. Qual é o seu meio de residência?

□ Urbano

□ Rural

10. Qual a composição do seu agregado familiar? Assinale todas as pessoas com quem vive:

□ Pai

□ Mãe

□ Padrasto/ Madrasta

□ Irmão (ã)/s

□ Avós

□ Tios

□ Primos

□ Companheiro (a)

□ Filho (a)/s

□ Sobrinho (a)/s

□ Outro: _____

11. Qual é o estado civil dos seus pais?

	Casado(a)	Solteiro(a)	União de facto	Divorciado(a)	Viúvo(a)	Outro
Mãe	□	□	□	□	□	□
Pai	□	□	□	□	□	□

12. Tem irmãos?

□ Sim

□ Não

13. Se sim, quantos irmãos tem? _____

14. Se sim, qual a idade do filho mais velho? (Se for o filho mais velho, coloque a sua idade) _____

Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares – Situação Relacional

15. Encontra-se, atualmente, numa relação amorosa?

□ Sim

□ Não

16. Qual a duração da sua atual relação amorosa? Caso não se encontre numa relação amorosa, indique a duração da mais recente (em meses). _____

17. Tendo em conta a sua relação amorosa atual / ou a mais recente, classifique de 0 a 5 (0 – muito baixo, 5 – muito alto) as seguintes dimensões:

	0	1	2	3	4	5
Grau de Conflito	□	□	□	□	□	□
Grau de Satisfação	□	□	□	□	□	□
Grau de Conexão	□	□	□	□	□	□

18. Como classifica o seu grau de comprometimento na sua atual relação amorosa?

0 1 2 3 4 5

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

Nada comprometido	□	□	□	□	□	□	Totalmente comprometido

19. Como caracteriza a sua relação amorosa?

- □ Monogâmica
- □ Relacionamento aberto
- □ Relacionamento fechado
- □ Poligâmica
- □ Poliamorosa
- □ Outro: _____

20. Existe envolvimentos amorosos com outras pessoas em simultâneo com a relação atual?

- □ Sim
- □ Não

21. Como classifica o grau de aceitação da sua família sobre a sua relação atual? Em que: 1 – a família desconhece; 2 – aceita razoavelmente; 3 – aceita bem; 4 – aceita muito bem

	1	2	3	4	
A família desconhece	□	□	□	□	Aceita muito bem

22. Quantos parceiros amorosos teve ao longo da vida?

- □ 0 parceiros amorosos
- □ 1 a 5 parceiros amorosos
- □ 5 a 10 parceiros amorosos

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

- 10 a 15 parceiros amorosos
- 15 a 20 parceiros amorosos
- Mais de 20 parceiros amorosos

23. Quantos parceiros sexuais teve ao longo da vida?

- 0 parceiros sexuais
- 1 a 5 parceiros sexuais
- 5 a 10 parceiros sexuais
- 10 a 15 parceiros sexuais
- 15 a 20 parceiros sexuais
- Mais de 20 parceiros sexuais

24. Qual a idade com que teve o seu primeiro namoro? _____

25. Qual a idade com que teve a sua primeira relação sexual? _____

26. Já teve relações sexuais num primeiro encontro?

- Sim
- Não

27. Já trocou mensagens de *Sextting*? (*Sextting*: é o envio ou troca de mensagens, fotos, vídeos ou conteúdos de carácter sexual através de dispositivos eletrónicos, como, telemóveis e das redes sociais).

- Sim
- Não

28. Qual é o método contracetivo que utiliza?

- Preservativo
- Pílula Hormonal
- DIU – Dispositivo Intrauterino

- Implante Hormonal
- Não utilizo

Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares – Religião

29. Qual a religião com a qual se identifica?

- Cristianismo
- Islamismo
- Judaísmo
- Hinduísmo
- Budismo
- Sem religião
- Outro: _____

30. É praticante?

- Sim
- Não

Apêndice F – Tabelas Complementares

Vinculação – EVA

Tabela 6

Diferenças sociodemográficas da Escala de Vinculação do Adulto – EVA

	EVA		
	Ansiedade	**Conforto com a Proximidade**	**Confiança nos Outros**
Idade	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
18 – 21 (n=47)	2.68(.93)	3.45(.62)	3.01(.64)
22 – 25 (n=102)	2.78(.99)	3.48(.64)	3.04(.67)
26 – 30 (n=45)	2.41(.93)	3.34(.61)	3.18(.58)
ANOVA - F	2.382**	.837**	.928**
Kruskall-Wallis	**	**	**
Comparação múltipla de médias de ordens *(Tukey HSD)*	ns	ns	ns
Sexo Biológico	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Feminino (n=112)	2.66(.97)	3.43(.64)	3.05(.66)
Masculino(n=82)	2.68(.97)	3.46(.61)	3.08(.62)
t (sig)	.118**	.324**	.360**
d de Cohen	.017	.047	.052
Escolaridade	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Até ao 12ºano (n=93)	2.65(.98)	3.34(.64)	3.03(.65)
Licenciatura e Mestrado (n=101)	2.68(.97)	3.53(.60)	3.10(.63)
t (sig)	-.215**	-2.018**	-.774**
d de Cohen	-.031	-.290	-.111
Situação Profissional	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Trabalhador (n=86)	2.54(.93)	3.41(.60)	3.12(.60)
Estudante (n=84)	2.72(.99)	3.43(.60)	3.02(.68)
t (sig)	-.1.228**	-.253**	.967**
d de Cohen	-.188	-.039	.148
Tipo de Família	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Família Nuclear Clássica (n=97)	2.78(.95)	3.51(.62)	3.03(.67)
Casal sem filhos (n=20)	2.25(.86)	3.36(.74)	3.24(.53)
Família Alargada (n=38)	2.72(1.08)	3.40(.58)	2.95(.66)
Família Reconstituída (n=10)	2.76(1.14)	3.28(.49)	3.00(.68)
Família Monoparental (n=23)	2.46(.80)	3.32(.70)	3.23(.55)
ANOVA	1.567**	.734**	1.086**
Comparação múltipla de médias de ordens *(Tukey HSD)*	ns	ns	ns
Kruskall-Wallis	**	**	**
Fratria	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Irmão (n=134)	2.65(1.01)	3.46(.63)	3.06(.65)
Não tem (n=60)	2.72(.88)	3.40(.62)	3.06(.62)
t (sig)	-.448**	.609**	-.023**
d de Cohen	-.070	.095	-.004
Número de Fratria	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
1 irmão (n=94)	2.65(1.06)	3.53(.64)	3.04(.64)
2 ou mais irmãos (n=40)	2.65(.90)	3.29(.60)	3.12(.68)
t (sig)	.00**	2.050**	-.615**
d de Cohen	.00	.387	-.116
Relacionamento Amoroso	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Sim (n=141)	2.62(.99)	3.44(.61)	3.08(.64)
Não (n=53)	2.82(.90)	3.45(.67)	3.02(.65)
t (sig)	-1.276**	-.117**	.606**
d de Cohen	-.206	-.019	.098
Relações Sexuais no 1ºencontro	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Sim (n=91)	2.73(1.03)	3.48(.66)	3.06(.65)
Não (n=103)	2.62(.91)	3.40(.60)	3.07(.63)
t (sig)	.744**	.853**	-.150**
d de Cohen	.107	.123	-.022
Praticante de *Sextting*	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***

Sim (n=140)	2.71(.94)	3.46(.63)	3.03(.63)
Não (n=54)	2.56(1.04)	3.39(.63)	3.15(.66)
t (sig)	.952**	.735**	-1.201**
d de Cohen	.153	.114	-.192
Método Contracetivo	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Preservativo (n=75)	2.67(.98)	3.46(.66)	3.10(.74)
Pílula Hormonal (n=58)	2.69(1.00)	3.43(.58)	3.04(.61)
Não utilizo (n=46)	2.55(.97)	3.48(.64)	3.03(.53)
ANOVA	.298**	.079**	.208**
Kruskall-Wallis	**	**	**
Comparação múltipla de médias de ordens *(Tukey HSD)*	ns	ns	ns

*Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão; ns = Não significativo, as comparações múltiplas (Tukey HSD) não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes métodos contracetivos (p > .05); * = Existe diferenças estatisticamente significativas; ** = Não há diferenças estatisticamente significativas.*

Na dimensão "Ansiedade", os valores mais elevados foram observados entre participantes com idades entre 22 e 25 anos (*M* = 2.78, *DP* = 0.99), do sexo masculino (*M* = 2.68, *DP* = 0.97), estudantes (*M* = 2.72, *DP* = 0.99), oriundos de famílias nucleares clássicas (*M* = 2.78, *DP* = 0.95), sem irmãos (*M* = 2.72, *DP* = 0.88) e sem relacionamento amoroso no momento (*M* = 2.82, *DP* = 0.90).

Relativamente ao "Conforto com a Proximidade"**,** as médias mais altas foram encontradas nos participantes do sexo masculino (*M* = 3.46, *DP* = 0.61), com escolaridade ao nível da licenciatura ou mestrado (*M* = 3.53, *DP* = 0.60), com apenas um irmão (*M* = 3.53, *DP* = 0.64), em relacionamento amoroso (*M* = 3.45, *DP* = 0.61) e utilizadores de métodos contracetivos – pílula (*M* = 3.46, *DP* = 0.66).

Na dimensão "Confiança nos Outros", as médias mais elevadas foram observadas em participantes com idades entre 26 e 30 anos (*M* = 3.18, *DP* = 0.58), do sexo masculino (*M* = 3.08, *DP* = 0.62), trabalhadores (*M* = 3.12, *DP* = 0.60), com filiação religiosa cristã (*M* = 3.12, *DP* = 0.63), provenientes de famílias monoparentais (*M* = 3.23, *DP* = 0.55) e não praticantes de sexting (*M* = 3.15, *DP* = 0.66).

Apêndice G – Tabelas Complementares

Estilos de Vinculação dos Participantes

Tabela 8

Analise das características sociodemográficas em função dos Estilos de Vinculação - EVA

	Estilos Vinculativos			
	Preocupado	**Desligado**	**Seguro**	**Amedrontado**
Idade	***n***	***n***	***n***	***n***
18 – 21 (n=47)	10	16	9	12
22 – 25 (n=102)	22	23	18	39
26 – 30 (n=45)	5	18	10	12
Qui-Quadrado (X^2)		**8.194****		
Sexo Biológico	***n***	***n***	***n***	***n***
Feminino (n=112)	20	35	21	36
Masculino (n=82)	17	22	16	27
Qui-Quadrado (X^2)		**.543****		
Escolaridade	***n***	***n***	***n***	***n***
Até ao 12ºano (n=93)	18	31	16	28
Licenciatura e Mestrado (n=101)	19	26	21	35
Qui-Quadrado (X^2)		**1.592****		
Situação Profissional	***n***	***n***	***n***	***n***
Trabalhador (n=86)	12	24	20	30
Estudante (n=84)	17	26	14	27
Qui-Quadrado (X^2)		**2.136****		
Religião	***n***	***n***	***n***	***n***
Cristã (n=145)	25	50	25	45
Sem filiação (n=46)	12	7	12	15
Qui-Quadrado (X^2)		**7.192****		
Tipo de Família	***n***	***n***	***n***	***n***
Família Nuclear Clássica (n=97)	21	24	16	36
Casal sem filhos (n=20)	2	8	6	4
Família Alargada (n=38)	8	11	7	12
Família Reconstituída (n=10)	3	4	1	2
Família Monoparental (n=23)	2	10	5	6
Qui-Quadrado (X^2)		**10.998****		
Fratria	***n***	***n***	***n***	***n***
Irmão (n=134)	28	41	28	37
Não tem (n=60)	9	16	9	26
Qui-Quadrado (X^2)		**4.883****		
Número de Fratria	***n***	***n***	***n***	***n***
1 irmão (n=94)	21	26	22	25
2 ou mais irmãos (n=40)	7	15	6	12
Qui-Quadrado (X^2)		**7.291****		
Relacionamento Amoroso	***n***	***n***	***n***	***n***
Sim (n=141)	26	43	30	42
Não (n=53)	11	14	7	21
Qui-Quadrado (X^2)		**2.789****		
Relações Sexuais no 1ºencontro	***n***	***n***	***n***	***n***
Sim (n=91)	22	26	17	26
Não (n=103)	15	31	20	37
Qui-Quadrado (X^2)		**3.197****		
Praticante de *Sextting*	***n***	***n***	***n***	***n***
Sim (n=140)	30	40	25	45
Não (n=54)	7	17	12	18
Qui-Quadrado (X^2)		**1.983****		
Método Contracetivo	***n***	***n***	***n***	***n***
Preservativo (n=75)	14	15	19	27
Pílula Hormonal (n=58)	12	21	8	17
Não utilizo (n=46)	8	16	9	13
Qui-Quadrado (X^2)		**6.696****		

*Nota: * = Existe associação estatisticamente significativa entre as variáveis; ** = Não existe associação estatisticamente significativa entre variáveis.*

A análise dos resultados apresentados nesta Tabela 8 indica que não se verificaram associações estatisticamente significativas entre os estilos de vinculação ("preocupado", "desligado", "seguro" e "amedrontado") e as variáveis sociodemográficas e comportamentais consideradas ($p > .05$). Apesar da ausência de significância estatística, a leitura descritiva das frequências permite identificar algumas tendências gerais na amostra.

O estilo "Preocupado" foi mais frequente entre participantes cristãos (*n* = 25), estudantes (*n* = 17), com escolaridade até ao 12.º ano (*n* = 18), pertencentes a famílias nucleares clássicas (*n* = 21), com um único irmão (*n* = 21), em relacionamento amoroso (*n* = 26) e com prática de *sexting* (*n* = 30). O estilo "Desligado" foi mais observado em participantes cristãos (*n* = 50), do sexo feminino (*n* = 35), com escolaridade até ao 12.º ano (*n* = 31), em situação de relacionamento amoroso (*n* = 43), provenientes de famílias nucleares clássicas (*n* = 24) e que não relataram relações sexuais no primeiro encontro (*n* = 31). O estilo "Seguro" apresentou maior frequência entre participantes cristãos (*n* = 25), trabalhadores (*n* = 20), com nível de escolaridade mais baixo (*n* = 16), pertencentes a famílias nucleares clássicas (*n* = 16) ou com apenas um irmão (*n* = 22), sendo também mais reportado por participantes que mantêm um relacionamento amoroso (*n* = 30).

Por fim, o estilo "Amedrontado" apresentou frequências mais elevadas nos grupos do sexo feminino (*n* = 36), com idades entre 22 e 25 anos (*n* = 39), com escolaridade superior *(n* = 35), cristãos (n = 45), pertencentes a famílias nucleares clássicas (*n* = 36), com irmãos (*n* = 37), em relacionamento amoroso *(n* = 42) e que referiram não ter relações sexuais no primeiro encontro *(n* = 37). Estas tendências descritivas, embora não estatisticamente significativas na maioria das variáveis, oferecem uma visão geral sobre os estilos de vinculação predominantes, permitindo observar que os

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

estilos “Amedrontado” e “Desligado” foram os mais frequentemente reportados, seguidos do “Seguro” e “Preocupado”.

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

Apêndice H – Tabelas Complementares

Atitudes Sexuais – EAS

Tabela 11

Características sociodemográficas e resultados da Escala de Atitudes Sexuais – EAS

	EAS			
	PER	**PRA**	**COM**	**INS**
Escolaridade	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Até ao 12ºano (n=93)	51.45(19.56)	28.35(5.59)	34.94(3.81)	15.59(6.12)
Licenciatura e Mestrado (n=101)	49.34(18.96)	30.35(5.16)	35.62(6.99)	14.57(5.99)
t (sig)	.761**	-2.590**	-.616**	1.169**
d de Cohen	.109	-.372	-.088	.168
Religião	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Cristã (n=145)	47.63(18.41)	29.15(5.60)	35.68(7.88)	14.89(5.99)
Sem filiação (n=46)	59.50(19.58)	30.45(4.92)	34.23(6.96)	15.34(6.41)
t (sig)	-3.749**	-1.407**	1.117**	-.437**
d de Cohen	-.634	-.238	.189	-.074
Praticante	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Sim (n=69)	45.02(18.50)	28.89(4.80)	34.88(7.32)	13.59(5.84)
Não (n=125)	53.29(19.06)	29.67(5.78)	35.52(7.83)	15.87(6.04)
t (sig)	-2.922**	-.945**	-.561**	-2.541**
d de Cohen	-.438	-.142	-.084	-.381
Tipo de Família	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Família Nuclear Clássica (n=97)	49.93(18.62)	29.48(5.18)	34.95(7.48)	14.80(5.62)
Casal sem filhos (n=20)	45.10(21.07)	29.55(4.57)	36.20(5.99)	14.75(7.62)
Família Alargada (n=38)	50.15(20.48)	28.55(7.18)	34.86(9.57)	15.84(6.43)
Família Reconstituída (n=10)	54.80(12.35)	30.20(3.42)	36.10(7.18)	13.30(4.87)
Família Monoparental (n=23)	48.13(16.02)	29.47(5.07)	35.95(6.57)	14.52(4.95)
ANOVA	.531**	.282**	.213**	.455**
Comparação múltipla de médias de ordens *(Tukey HSD)*	ns	ns	ns	ns
Kruskal-Wallis	.575**	.998**	.969**	.754**
Fratria	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Irmão (n=134)	49.23(17.92)	29.77(5.18)	35.60(7.09)	14.75(5.72)
Não tem (n=60)	52.85(21.81)	28.55(5.97)	34.61(8.78)	15.75(6.74)
t (sig)	-1.210**	1.451**	.831**	-1.059**
d de Cohen	-.188	.225	.129	-.164
Número de Fratria	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
1 irmão (n=94)	49.70(18.45)	29.98(4.89)	36.05(6.87)	15.32(5.91)
2 ou mais irmãos (n=40)	48.15(16.79)	29.27(5.83)	34.55(7.56)	13.40(5.07)
t (sig)	.457**	.729**	1.124**	1.800**
d de Cohen	.086	.138	.212	.340
Relacionamento Amoroso	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Sim (n=141)	48.17(19.62)	29.16(5.66)	35.68(7.95)	14.97(6.35)
Não (n=53)	56.15(16.99)	30.01(4.84)	34.28(6.72)	15.30(5.25)
t (sig)	-2.612**	-.973**	1.136**	-.337**
d de Cohen	-.421	-.157	.183	-.054
Relações Sexuais no 1ºencontro	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
Sim (n=91)	61.56(18.05)	29.93(5.13)	35.23(7.76)	16.90(6.46)
Não (n=103)	40.45(14.18)	28.92(5.70)	35.35(7.57)	13.43(5.18)
t (sig)	9.103**	1.291**	-.116**	4.135**
d de Cohen	1.310	.186	-.017	.595
Método Contracetivo	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***
1 – Preservativo (n=75)	51.26(18.97)	29.01(6.37)	34.97(9.06)	15.45(6.03)
2 - Pílula Hormonal (n=58)	43.70(13.59)	29.34(5.47)	36.37(7.34)	13.93(4.61)
3 - Não utilizo (n=46)	57.80(24.17)	29.86(3.78)	34.45(5.81)	15.56(7.58)
ANOVA	7.173*	.343**	.893**	1.305**
Kruskall-Wallis	**	**	**	**
Comparação múltipla de médias de ordens *(Tukey HSD)*	3vs2	ns	ns	ns

*Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão; ns = Não significativo, as comparações múltiplas (Tukey HSD) não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes métodos contracetivos (p > .05); * = Existe diferenças estatisticamente significativas; ** = Não há diferenças estatisticamente significativas.*

Cindy de Oliveira Azenha | azenhacindy@gmail.com

A análise descritiva permite identificar alguns padrões gerais, mesmo não tendo valores significativos. Valores mais altos de "Permissividade" foram registados em participantes sem relacionamento amoroso (*M* = 56.15, *DP* = 16.99), sem filiação religiosa (*M* = 59.50, *DP* = 19.58) e com idade entre 26 e 30 anos (*M* = 52.15, *DP* = 23.01). As médias mais elevadas para "Práticas Sexuais" foram observadas em participantes entre 22 e 25 anos (*M* = 30.10, *DP* = 5.33), sem filiação religiosa (*M* = 30.45, *DP* = 4.92) e que não utilizam métodos contracetivos (*M* = 29.86, *DP* = 3.78). Para a dimensão "Comunhão" (COM), valores mais altos foram registados em participantes com escolaridade superior (*M* = 36.18, *DP* = 7.30) e em trabalhadores (*M* = 35.62, *DP* = 7.80). Por fim, a dimensão "Instrumentalidade" apresentou médias mais elevadas em homens (*M* = 16.01, *DP* = 7.22), sem filiação religiosa (*M* = 15.34, *DP* = 6.41), com múltiplos irmãos (*M* = 15.32, *DP* = 5.91), praticantes de sexting (*M* = 15.50, *DP* = 6.22) e que não utilizam métodos contracetivos (*M* = 15.56*, DP* = 7.58).

Apesar da ausência de significância estatística na maioria dos casos, estas tendências sugerem que fatores como género, idade, prática de sexting, experiência sexual no primeiro encontro e uso de métodos contracetivos parecem estar associados a diferenças nas atitudes sexuais avaliadas pela EAS.